



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

ANA KAROLINA SCHOELLER PEREIRA

**LIVRO-REPORTAGEM:
ELAS FALAM COM AS MÃOS**

Palhoça
2019

SUMÁRIO

RESUMO	4
1 Erro! Indicador não definido.	
2 Erro! Indicador não definido.	
2.1 Erro! Indicador não definido.	
3 Erro! Indicador não definido.	
4 Erro! Indicador não definido.	
4.1 Erro! Indicador não definido.	
4.2 Erro! Indicador não definido.	
4.3 Erro! Indicador não definido.	
5 Erro! Indicador não definido.	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

RESUMO

O livro-reportagem *Elas falam com as mãos* realiza, a partir do diálogo com três mulheres surdas e uma intérprete de libras, uma imersão na cultura surda. Dividido em quatro capítulos, explora o conhecimento dessas mulheres sobre sua própria condição, valorizando suas vivências, particularidades, reivindicações, relacionamento com a família, pertencimento à comunidade surda e dificuldades de comunicação no mundo dominante dos ouvintes. Discute com essas mulheres, os aspectos polêmicos da chamada educação inclusiva e da adoção da linguagem de sinais, mostrando sua importância histórica e cultural para a comunidade surda. Desde o princípio, o livro se assume como o esforço de uma repórter ouvinte para ampliar o seu horizonte de públicos e sujeitos de linguagem, em direção a uma comunicação heterogênea e inclusiva.

PALAVRAS CHAVE

Comunicação surda; Mulheres surdas; Cultura surda; Comunidade Surda, Comunicação inclusiva; Educação Inclusiva; Língua de Sinais (Libras); Gênero e Surdez.

INTRODUÇÃO

O livro-reportagem *Elas falam com as mãos e ouvem com os olhos* se move em torno da seguinte temática: como as mulheres surdas se veem perante o mundo dos ouvintes, dos surdos e delas mesmas? A partir daí, examina qual linguagem elas elegem como potencialmente propícia ao desenvolvimento pessoal, social e intelectual. Discute o processo de adaptação à comunicação em libras e suas vantagens em relação ao implante coclear e outros métodos. Discorre sobre os aspectos específicos da surdez que precisam ser destacados para a vida acadêmica ou escolar.

Em uma pesquisa inicial sobre o tema, percebo que o jornalismo objetifica as pessoas com deficiência ao condená-las todas à insígnia da necessária “superção”. Invariavelmente, mulheres e homens surdos são para as mídias comerciais personagens de histórias de pessoas que “superam” a sua deficiência e vivem em uma sociedade que não as inclui e também as exclui do seu modo de ser. Por detrás do apelo romântico e glorioso dessa fórmula, se esconde a estratégia de repassar para as diferentes minoridades do mundo a responsabilidade de arranjar o tal “lugar ao sol”.

É como se toda a responsabilidade de se adequar ao mundo dos ouvintes, de suplantar as dificuldades e dar à famosa “volta por cima”, coubesse unicamente aos indivíduos surdos. Em contrapartida, os ouvintes são poupados de pensar em medidas para adequar sua linguagem e sua convivência, não apenas para fazer com que sua mensagem seja entendida pelas pessoas surdas, mas, em via de mão dupla, para que a linguagem dos surdos seja compreendida pelos ouvintes. A Lei nº 12.527/2011 regulamenta o acesso à informação. Mas se a informação é um direito de todos, por que ela não é feita para todos? A partir deste pressuposto que podemos observar como os jornais televisivos não incluem pessoas surdas.

Para contextualizarmos este trabalho que envolve diretamente a situação e os números de pessoas surdas no Brasil destaco o último censo realizado pelo IBGE no ano de 2010, o qual aponta que sete milhões de pessoas têm deficiência auditiva. Dentro desse índice, 2.147.366, apresentam deficiência auditiva severa, situação em que há uma perda entre setenta e noventa decibéis (DB), e outros sete milhões e meio apresentam alguma dificuldade auditiva.

Esses números promovem discussões sobre as políticas públicas

brasileiras, mas ainda são pouco divulgados dentro da área do jornalismo e da comunicação, que em tese deveria proporcionar a todos o direito de acessar informações consideradas um bem público e não um privilégio da população dominante seja ela ouvinte ou de melhor renda e escolaridade.

A família também constitui fator decisivo de discussão neste trabalho, uma vez que a configuração familiar destas pessoas, sobretudo na forma de comunicação entre os membros ouvintes e surdos. Algumas histórias de violência sofridas por crianças e adolescentes surdos para que não se comunicassem pela linguagem de sinais nos mostra como a discussão ainda precisa ser efetivamente realizada.

O aspecto da escola torna-se particularmente interessante e complicado porque coloca à prova um mecanismo que exclui mesmo quando se pretende incluir. A pessoa surda nasce em um mundo que não foi feito para ela. As escolas dificilmente deixam mais de uma criança surda dentro da sala de aula, fazendo com que as mesmas sintam que são as únicas no mundo, diferentes das demais. Ao contrário, os antropólogos, filósofos, psicólogos, pedagogos acentuam como somos todos diferentes uns dos outros, e todos nós queremos ser compreendidos dentro da infinita diversidade humana.

A Linguagem Brasileira de Sinais não funciona apenas como uma forma de comunicação, mas como uma forma de construção de identidade de alguém que por vezes passou a vida sem compreender o mundo a seu redor.

1 OBJETIVOS GERAIS

Este livro-reportagem busca realizar uma imersão com mulheres surdas a fim de tentar compreender como se identificam e se reconhecem criticamente perante a comunidade ouvinte, a comunidade surda e perante elas mesmas.

Construir uma aproximação do universo da mulher surda a fim de acessar e mostrar o conhecimento que ela produz de si própria, de sua condição física, política e social, através de sua história individual e coletiva.

Observar, pesquisar e compreender a diferença do funcionamento da forma de comunicação de mulheres surdas no contexto familiar, educacional e social, mostrando as peculiaridades da linguagem de libras e a sua importância para a construção de identidade da mulher surda.

1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este livro-reportagem busca mergulhar no mundo da cultura surda e de todo o conhecimento superando e invertendo a posição de ouvinte-incluída versus surda-excluída em favor da condição da repórter que precisa buscar a inclusão no meio da comunidade surda e aprender com ela.

Mostrar como as mulheres surdas desenvolvem potencialidades e habilidades psicoculturais próprias, problematizando a ideia de considerá-las pessoas com deficiência perante o conceito de que são pessoas que se comunicam de forma diferente.

Oferecer à comunidade surda uma plataforma multimidiática lançada a partir deste livro eletrônico que propicie um espaço de discussão das questões próprias à comunicação, a cultura e a identidade surda.

A partir deste livro eletrônico, oferecer à comunidade ouvinte uma plataforma multimidiática que favoreça a compreensão das questões próprias à comunicação, à cultura e à identidade surda no que ela desafia a cultura dominante a buscar uma comunicação e uma relação mais inclusiva com essa comunidade.

2 JUSTIFICATIVA

Sete milhões de pessoas têm deficiência auditiva no Brasil, segundo o Censo de 2010, realizado pelo IBGE. Dentro desse universo, 2 milhões, 147 mil 366 apresentam deficiência auditiva severa, situação em que há uma perda entre 70 e 90 decibéis (DB) de audição. Outros 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva. Já em 2015, esse número saltou para 28 milhões, segundo a Organização Mundial de Saúde. Os dados foram divulgados pelo site da Universidade de São Paulo (USP) em 20 de setembro de 2017. A Libras (Língua Brasileira de Sinais) se torna segunda língua oficial do Brasil apenas em 24 de abril de 2002.

O Brasil comemora o Dia Nacional do Surdo em 23 de setembro desde o ano de 2008. A data foi escolhida para coincidir com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em setembro de 1857. Em setembro, as pautas sobre as pessoas surdas passam a ter mais visibilidade, com destaque para as necessidades de inclusão, educação e a criação de escolas bilíngues para o ensino de Libras. A data também é ligada ao Setembro Azul. A cor remete à II Guerra Mundial, quando na Alemanha os nazistas obrigavam pessoas com deficiência a usar uma faixa azul fixada ao braço para diferenciá-las das demais.

O Dia Internacional das Línguas de Sinais é comemorado em 10 de setembro. As comunidades surdas se manifestam nessas datas setembrinas para garantir o reconhecimento das línguas de sinais em diferentes países ao redor do mundo. No Brasil, a Libras foi reconhecida com a promulgação da Lei Federal nº 10.436, de 2002, como uma linguagem de comunicação e expressão. Todavia, a matéria levou três anos para ser regulamentada finalmente em 22 de dezembro de 2005, com o Decreto nº 5.626, publicado no Diário Oficial da União. As datas foram criadas a fim de trazer à tona a discussão sobre as condições dos surdos ao redor do mundo. Um dos aspectos importantes é o questionamento do paradigma da superação da deficiência.

Nesse aspecto, este livro-reportagem traz a proposta diferenciada das abordagens midiáticas nos veículos tradicionais que engessam a maior parte das notícias e narrativas sobre pessoas com deficiência que tendem a padronizar a representação de toda vivência surda no paradigma clichê da superação. É o caso, por exemplo, da matéria publicada no portal O Globo, em 5 de novembro de

2017, com o título: “Celebidades que têm deficiência auditiva contam como superaram os obstáculos”. Matéria completa [<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/celebidades-que-tem-deficiencia-auditiva-contam-como-superaram-os-obstaculos-22031605>].

Afirmar que alguém é um exemplo de superação em um primeiro momento pode até parecer um elogio, mas não é. Tratar uma pessoa que tem algum tipo de deficiência como um herói implica presumir que a sociedade não tem mais o dever de incluí-la e que cabe a ela ser uma vitoriosa perfurando sozinha todas as barreiras, preconceitos e obstáculos físicos que a sociedade dos dominantes impõe. Seguindo essa lógica, consideramos somente como dignas de nossa visibilidade e admiração pessoas com algum grau de deficiência dotadas de superpoderes, que não se curvaram diante dos obstáculos. Essa ética do elogio ao desempenho pessoal leva a pensar que tudo está centrado na força e iniciativa individual, independentemente das políticas públicas ou de uma sociedade mais acessível.

É tarefa do jornalismo ajudar a sociedade a pensar e a propor formas de inclusão social das minorias, o que significa considerá-las em sua capacidade, plenitude e dignidade. Isso impõe como tarefa ao jornalismo escapar à armadilha de tratá-las no modo do “coitadismo” ou mesmo infantilizá-las. Dirigir-se a pessoas com deficiência com voz mais fina ou com palavras no diminutivo significa pressupor que elas possuem a mesma autonomia e discernimento de uma criança. Esse sentimento de pena ou de atribuição de inferioridade costuma predominar nas relações sociais marcadas pela superficialidade e pela arrogância dos ditos normais e não cessa de ser reproduzido pela mídia.

Disfarçado de caridade, o tratamento de pessoas com deficiência como incapazes física ou mentalmente mostra sua verdadeira face ofensiva. Como analisa Caroline do coletivo feminista, Helen Keller de Porto Alegre, com quem conversei informalmente no trabalho preliminar de campo: “Você pode até achar que algumas pessoas com deficiência se assumem como exemplos de superação, porém, esta é apenas uma forma de amenizar o sofrimento sobre o modo discriminatório como nos tratam, mas tentamos pensar que isso é passageiro”, afirma ela, que não quis ser identificada. Pessoas são mais complexas que suas deficiências, possuem histórias, sonhos, manias, gostos e habilidades. Não é lógico nem justo reduzir o ser a sua deficiência.

É cada vez maior o número de estudantes surdos que ingressam no ensino escolar e superior. Atualmente, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, 39 crianças surdas estão matriculadas na rede municipal de ensino. Segundo dados do Ministério da Educação, em 2003, apenas 665 surdos frequentavam a universidade. Em 2005, esse número aumentou para 2.428, entre instituições públicas e privadas (Brasil, 2006).

Foram escolhidas mulheres para que possamos estabelecer uma relação de proximidade e que sejam consideradas as especificidades sobre ser mulher e surda. O livro é resultado de estudos e entrevistas para destacar as problemáticas enfrentadas, como família, comunicação, auto aceitação e a discussão sobre os seus relevantes aspectos dentro da cultura linguística.

As histórias de superproteção de pais estão presentes em diversos aspectos da sociedade, mas estas mulheres tiveram ainda na infância uma atenção especial que muitas vezes se tornou obsessiva. Muitas delas ficam presas dentro de casa ou a uma rotina para que os ouvintes sintam que as estão incluindo em nossa sociedade. A exclusão para a inclusão. Precisamos promover essa discussão partindo do ponto de vista delas e de como elas se sentem sobre o assunto.

Além da opressão física e psicológica no cotidiano geral das mulheres, causada pela sociedade patriarcal e machista, a mulher surda apresenta dificuldade dobrada para relatar situações de violência sofridas. Percebe as dificuldades de ser compreendida pela sociedade que a julga e não a compreende.

3 METODOLOGIA

Como uma forma de conhecimento específico da realidade, o jornalismo tem a tarefa de sair do senso comum e de trazer elementos que permitam ir além dos clichês forjados pela opinião pública e pela própria mídia para reduzir a compreensão da realidade. Exemplo disso é o recorrente modelo da superação. Matérias que reafirmam esse paradigma de superação ignoram o todo. Reforçam a falsa sensação de bondade da sociedade e contribuem para o preconceito em torno das pessoas com algum tipo de deficiência.

O educador, pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire estabeleceu, em 1970, princípio dialógico e horizontal da comunicação:

Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação; sem esta, não há verdadeira educação (...). A Educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1970:98).

Um jornalismo baseado no diálogo e na reciprocidade não deve, portanto, ser feito para as pessoas com deficiência, mas com as pessoas com deficiência. Partindo desse pressuposto, situo o esforço de contribuição deste livro-reportagem: que seja feito não para os surdos, mas com os surdos. E de que modo esse desafio pode ser alcançado? A proposta é mostrar, em suas histórias de vida, como as mulheres surdas se auto representam e se constituem para que seus protagonistas sejam vistos na integralidade do seu ser.

Outro importante autor que norteia minha metodologia de construção deste livro-reportagem é Fernando Pessoa, que no poema “Argumento do Jornalista” escreve: “O jornalismo dirige-se ao homem de imediato e ao dia que passa”. Porém, é preciso enxergar por baixo desse cotidiano para sair da obviedade ou do que os ouvintes dizem sobre os surdos. No caso deste livro-reportagem, o método de apuração da realidade a partir da pesquisa bibliográfica e do ponto de vista dos próprios protagonistas da diferença de percepção do mundo permite ir além das notícias já veiculadas pelo jornalismo no sobre o universo das mulheres surdas.

Para a narrativa já dominante e questionada pela própria comunidade, é preciso, sobretudo, mudar a forma como ela tem sido feita. Para sair do óbvio é preciso contato. É preciso conhecer os gestos, o olhar, a forma como elas se

comportam e se inserem ou são inseridas na sociedade: é preciso desconhecer para conhecer. O primeiro modo a ser recusado é o que parte do ponto de vista do jornalista como central e determinante. A ideia é justamente inverter essa lógica: não sou eu que vou inserir as surdas no meu mundo, mas farei um esforço de repórter para que elas me insiram no mundo delas. Os surdos constituem sua própria cultura e se comportam como se tivessem criado um mundo menor dentro de um mundo maior. Para explorá-lo é preciso ir até elas e fazer um livro que seja ao mesmo tempo delas e de todos. Dessa forma, o enfoque deste livro-reportagem é trazer aos leitores o universo das mulheres surdas, sua cultura e suas construções pessoais e sociais. Em *Deaf in America: Voices from a Culture*, Carol Padden, professora de comunicação na Universidade da Califórnia em San Diego argumenta:

A cultura surda proporciona um caminho para as pessoas surdas se reinventarem, não tanto se adaptando ao presente, mas herdando o passado. Ela possibilita que os surdos pensem em si mesmas não como pessoas com audição inacabada, mas como seres culturais e linguísticos em um mundo coletivo com os outros. Ela lhes dá uma razão para existir com outros no mundo moderno.

As cinco protagonistas deste livro-reportagem são estudantes, uma intérprete e a presidenta da Associação dos surdos da Grande Florianópolis. Por se tratar de um povo que se viu tantas vezes como coadjuvante e não como protagonista da sociedade, o diálogo deve se dar não apenas pelos gestos e palavras verbalizadas, mas pelo não dito, pelos olhares e pelo silêncio. A linguagem gesticular diz muito.

K, uma das principais personagens deste livro, me descreve que, ao ficar surda aos 11 anos, já tinha aprendido Libras, porém se sentia sozinha no mundo. Aos oito anos K aprendeu libras por vontade própria para se comunicar com um colega de sala. Ela o considerava muito solitário e lamentava que só conseguisse se comunicar com a segunda professora, responsável por traduzir a aula para a linguagem de sinais. Isso porque o sistema de educação sofre um déficit de ensino e muitas vezes não consegue atender às necessidades de todos os seus alunos. Nessa conversa prévia, conta que quando uma criança surda chega à escola, entra em contato muitas vezes com o mundo da libras que a transforma e a incentiva a buscar autonomia. Ela passa de um mundo onde não era

compreendida e não compreendia para um mundo onde agora consegue se expressar.

A falta de valorização do ensino de libras faz com que por vezes o português seja a única língua autêntica em sala de aula, anulando o aprendizado da pessoa surda. Como acrescentou K, isso causa uma enorme distância entre os surdos e os não surdos. Sem um conhecimento mais aprofundado partindo da própria escuta das pessoas surdas não conseguimos entender, na superficialidade do jornalismo diário, que a educação pode ser excludente mesmo quando se diz inclusiva. A impressão de inclusão pode convencer os ouvintes em geral, mas não os surdos brasileiros, que muitas vezes preferem frequentar escolas exclusivas para eles, onde podem ter acesso igualitário às informações e ao conhecimento e ainda conviver com seus iguais. Os especialistas ressaltam que não basta admitir um aluno surdo numa escola de ouvintes, é preciso promover a inserção plena da diferença se uma escola quer ser inclusiva e pluralista.

A educação inclusiva supõe a disposição da escola de atender a diversidade total das necessidades dos alunos nas escolas comuns, por meio de um ambiente que tenha altas expectativas a respeito de seus alunos, que seja seguro e acolhedor e que entenda a diferença como um fator positivo, uma escola que se ajuste a todas as crianças. Introduzindo o aluno no mundo social, cultural e científico, capaz de orientar o ensino e a formação, tendo em vista a cidadania, deixando claro que o ser humano é superior ao conteúdo acadêmico. (MARA LÚCIA; BERSCH, RITA, 2017; p. 1)

Nosso país teve uma política de extermínio linguístico para a legitimação de uma única língua, a portuguesa. Esse extermínio, no entanto, não eliminou o que somos e como estamos construídos como nação. O Brasil não é só um país de várias culturas, mas de várias línguas. E aqui apresento a Língua Brasileira de Sinais como parte da construção de identidade da comunidade surda.

“Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). [...] O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a ‘companheira do Império’ (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536). A política linguística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de deslocamento linguístico,

isto é, de sua substituição pela língua portuguesa”. (OLIVEIRA, 2004, p.01)

Falar sobre uma pessoa surda não é apenas descrever sua deficiência e representá-la como os meios de comunicação gostam de fazer “como uma pessoa que superou as deficiências”. É também pensar como a sociedade se torna deficiente à medida que se fecha para a infinita diversidade humana quando se volta para o padrão de dominância. Essas reflexões emergem a partir da fala das próprias entrevistadas e de suas vivências. Mais do que expressar suas opiniões, quero que brote sua “voz”, seu discurso e seu pensamento político de dentro de sua história. Dessa forma, mergulhando na vida dessas pessoas, a narrativa pode contemplar aspectos desconhecidos para a maioria das pessoas que não têm contato com surdos.

O livro também trata sobre aspectos familiares dos entrevistados e sobre as relações de gênero dentro e fora de casa. Num trabalho de campo inicial, compreendi que muitas delas não se comunicam com a família por meio da linguagem de sinais. Por inúmeros motivos: alguns familiares não sabem libras, outros não a aceitam, outros ainda são levados, por recomendação médica, a coibir o uso de libras para forçar a fala. Como se tratam de questões de ordem pessoal, as entrevistadas ficaram livres para não terem seus nomes identificados, pois não é o nome que importa e sim as histórias que elas carregam e as lições que podemos aprender com elas.

3.1 PROJETO EDITORIAL

O livro está organizado em quatro capítulos contendo narrativas com entrevistas e informações contextualizadas e algumas imagens, prints de diálogos e detalhes das protagonistas. Cada um dos capítulos engloba diferentes aspectos da cultura e das questões da comunidade surda, conforme o roteiro abaixo. Esse roteiro, previamente definido, foi sendo readaptado e transformado no decorrer do processo, à medida que o encontro mais próximo com as mulheres e com a

realidade modificou as expectativas iniciais e produziu novas demandas de desdobramento da temática.

Numa opção clara por uma narrativa que entrelaça subjetividade e objetividade, o livro assume o ponto de vista de uma ouvinte buscando se aproximar da cultura surda e de uma repórter tentando compreender como funcionam o pensamento e os códigos sociais nesse meio. Por isso, opto por uma narrativa em primeira pessoa e por uma linguagem menos formal para preservar o tom de conversa e a perspectiva de um diálogo horizontal. Essa linguagem informal, que procura manter o frescor da descoberta, está mais próxima de um Blog de repórter, de um diário de campo ou de uma narrativa de viagem do que de um livro acadêmico. A implicação da personalidade da repórter e da metalinguagem em todo o percurso da reportagem faz com que o método de trabalho participe da narrativa e favoreça a perspectiva da intersubjetividade ou da troca de subjetividades entre repórter e protagonistas,

Para a construção deste livro-reportagem me inspirei no livro *Dias de inferno na Síria*, do jornalista e escritor Klester Cavalcanti, entre outras obras de jornalismo literário. O livro conta não apenas o processo de reportagem sobre sua cobertura da guerra na Síria, como perpassa a história dos personagens principais, e no momento em que ele conta essas histórias, consegue se inserir naquele mundo de forma mais horizontal e participativa. Esta é a abordagem escolhida para o livro: a participação horizontal de repórter e protagonistas, de modo a alcançar um processo de reportagem o mais compartilhado e verdadeiro possível.

Também a repórter Eliane Brum (2008), em *O olho da rua*, valoriza o making of de suas reportagens como forma de avaliar os erros e acertos das suas escolhas e discutir os aspectos éticos de suas entrevistas. Em *O nascimento de Joicy; Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, outra fonte de inspiração, a repórter Fabiana Moraes constrói uma parte inteira do livro dedicada à discussão metodológica do livro e a sua intrincada relação de proximidade e distância com a protagonista,

Esquema de capítulos:

APRESENTAÇÃO - **No início era o gesto. E o gesto se fez palavra** - A abertura se dá pelo olhar de quem não é surda e o contato com esse outro mundo dentro do nosso mundo. Assumimos o lugar de repórter ouvinte que procura

compreender o ponto de vista das mulheres surdas nos perguntando quais são os limites que elas precisam atravessar todos os dias para que consigam estabelecer comunicação com pessoas que não usam a Linguagem Brasileira de Sinais. Abordamos também a falta de reportagens e pesquisas que sejam acessíveis a esse público e que demonstrem a sua realidade. Sugerimos uma breve reflexão sobre o fazer jornalístico e a exclusão efetuada por uma sociedade despreparada e fechada para contemplar as pessoas que não se encaixam no padrão “esperado”, sobretudo no campo da comunicação.

Capítulo 1 - Um mundo dentro do mundo, Libras e a cultura surda -

Discussão sobre a cultura surda e a interação dos ouvintes com o seu mundo, considerando suas diferenças e particularidades que complementam, enriquecem e transformam a comunicação ouvinte. A identificação com a comunidade surda é uma escolha individual e feita independentemente do grau de surdez. Nem todas as pessoas são surdas, ou possuem deficiência auditiva; algumas são intérpretes, outras familiares. O capítulo mostra o processo de aquisição da Libras, enfatizando suas dificuldades, barreiras, complexidade e contradições nas formas de comunicação de surdos. Nesse sentido, discute a posição da comunidade de surdos em relação à adoção da libras e às recomendações alheias. Aborda os dilemas causados com familiares que não as aceitam como pessoas surdas e as obrigam a se comunicar através de palavras, sem que utilizem nenhum gesto.

Capítulo 2 - Gênero na surdez - Relatos de mulheres surdas que passaram por situações dentro e fora de casa que as incluem nos espaços de no mínimo duas minoridades, a de ser surda e a de ser mulher. Como essas duas posições de sujeito interferem na sua vida acadêmica e na sua forma de se colocar politicamente no mundo?

Capítulo 3 - Sociedade deficiente - Somos marcados pela infinita diversidade e incompletude humana, como salientou a filósofa Hannah Arendt em A condição humana, mas parece não termos consciência nem de uma, nem de outra. Isso faz com que as pessoas diferentes se sintam diminuídas e incapazes. As pessoas dominantes, presas a sua arrogância, não conseguem se valer da riqueza da diversidade. Todos saem perdendo. A discussão se dá em torno do fato de as mulheres surdas passarem a vida sem entender o que estão falando ao seu redor, a não ser quando estão em sua própria comunidade.

Capítulo 4 - Aproximação e inserção, o olhar da repórter - No último

capítulo do livro, discutimos a processo de construção da reportagem e a relação da repórter com as entrevistadas. Abordamos as principais dificuldades e receios sobre o tema, discutindo as formas de derrubar as barreiras da comunicação e da aproximação. Nesse aspecto, compreendem-se os mecanismos de defesa desenvolvidos por pessoas surdas como uma estratégia de sobrevivência e proteção em uma sociedade que as trata simplesmente como pessoas deficientes, eliminando o contexto de suas histórias, sonhos e cultura. Discute-se o resultado da forma de abordagem escolhida, que é o de busca de inserção de uma pessoa ouvinte na cultura surda.

3.2 PROJETO GRÁFICO

O livro apresenta-se em formato digital com design responsivo. Este design modifica tamanhos, dimensões e formatos automaticamente conforme a tela do leitor. A escolha se justifica por conta da crescente adoção e evolução dos padrões de internet. Em 2018, o Comitê Gestor da Internet divulgou que uma em cada cinco residências brasileiras acessam a rede com celulares e não com computador, o que valida mais uma vez a atualização deste formato.

A escolha de um livro online ou de um *e-book-reportagem* se relaciona à proposta de integração e melhor uso dos meios digitais para a difusão das plataformas jornalísticas. Mas se justifica principalmente pela questão da conscientização ambiental para a economia de papel. Não seria coerente propor uma reflexão sobre inclusão, se para fazê-la se ignorasse as questões ambientais.

Elas falam com as mãos segue uma linguagem em tons de cinza e amarelo. Essa escala de cinza é utilizada para representar sentimentos. Indicando toda a força das libras, o amarelo ilumina o grito que sai da boca de uma mulher com a mensagem do título. Ao fundo da capa, existem estrelas representando o espaço e o universo da cultura surda. O fundo neutro em preto e cinza busca remeter a atenção total do receptor aos detalhes e à expressividade da composição, tão buscada quando estamos falando sobre um universo no qual

precisamos nos inserir para compreender.

A capa foi pensada na figura estilizada de uma mulher e sua fonte de comunicação, com as mãos e gestos que produzem palavras e significados. As estrelas ao fundo intencionam um universo de possibilidades. Com linhas simples e tons de cinza para contrastar e dar destaque ao título, em amarelo, colocado em vários tamanhos da mesma fonte (MS Gothic) para direcionar e destacar a palavra MÃOS. O nome da autora também é escrito na mesma fonte (MS Gothic).



A fonte usada para a escrita do livro é a Alleron Regular, disponível gratuitamente na plataforma “canva”, onde o texto foi diagramado. A escolha foi por suas linhas simples e letras sem serifa que facilitam a leitura. Ao fundo de todos os capítulos, uma imagem em tom claro carrega a mesma ideia da capa.

Os títulos estão dispostos na linha de cima e logo abaixo o texto já começa a ser apresentado para facilitar a leitura e compreensão dos capítulos.

Para ilustrar o livro, busca-se um conceito mais de metonímia do que de representação realista. A ideia das fotos utilizadas é ilustrar o ambiente onde as conversas aconteceram demonstrando o que as palavras não conseguirão escrever.



Tirada em um dos cafés na casa de uma das protagonistas do livro, a primeira foto exemplifica a proximidade que tivemos ao longo desta narrativa e a

importância da conversa que desenvolvemos. Representada pela foto, a conversa com a outra preserva a importância desse diálogo. Na segunda foto, enviada por Sandra, presidenta da Associação dos Surdos de Florianópolis, está em evidência a roupa utilizada na primeira vez que ela assumiu atividades no cargo em uma festa de comemoração do aniversário da entidade. A fotografia demonstra e preserva a riqueza do momento e o carinho no culto a sua lembrança.

3.3 PLANEJAMENTO MERCADOLÓGICO

Divulgação e Circulação. O livro deve ser disponibilizado gratuitamente em versão online para a Associação dos Surdos de Florianópolis e para a galeria do site do coletivo feminista Helen Keller, de Porto Alegre. Também está sendo proposto para a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude de Florianópolis e Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

Está programado o lançamento do livro pelo Instagram, no endereço @elasfalamcomasmãos, no dia 2 de dezembro de 2019. A biografia da conta vai disponibilizar o link para acesso do livro bem como histórias relacionadas ao universo da narrativa.

A partir da segunda-feira de 25 de novembro, o Instagram vai trazer algumas fotos relacionadas ao processo de escrita do livro em uma contagem regressiva para o seu lançamento. Essa estratégia pretende instigar os usuários da plataforma à leitura.

Entre os conteúdos a serem postados na conta está um QR Code que leva diretamente ao link do livro, permitindo a interatividade das pessoas com o tema e demonstrando que a discussão é atualizada e inovadora. A ideia é modificar o pré-construído de que livros-reportagem não podem ser consumidos por todos os públicos.

Sete postagens vão integrar essa contagem regressiva, culminando no dia do lançamento, com a publicação de um texto contendo frases de personagens. Posteriormente três postagens lançadas por semana vão alimentar a campanha com conteúdo sobre a cultura surda.

Na sequência, vídeos para *stories* e *IG TV* do Instagram contendo relatos de algumas das personagens vão dar continuidade à campanha. Todos os vídeos estão sendo interpretados em libras por Jamile Lima, proprietária da Interpress, que além de ser uma das personagens do livro, já trabalha com legendas de vídeos. Além de interpretação em libras, os vídeos terão legendas escritas em português.

No primeiro vídeo, conversamos com Sandra, presidenta da Associação dos Surdos da Grande Florianópolis. Abordamos sua história de vida, de forma a enriquecer e chamar atenção para a narrativa do livro.

No segundo vídeo, conversamos com K, uma das personagens do livro, estudante de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Temos como temática a discussão de gênero na surdez e os obstáculos enfrentados no mercado de trabalho pelas mulheres surdas.

Os vídeos devem ser postados toda sexta-feira às 9 horas, horário em que, segundo a plataforma Google ADS, há mais interação dos usuários.

4 REFLEXÕES FINAIS SOBRE O PROCESSO

A partir desta experiência de repórter é possível apontar para as perspectivas de um mundo de comunicação inclusiva e trazer algumas considerações finais sobre o tema, sempre embasadas na experiência e reflexões das protagonistas. Mulheres surdas têm peculiaridades e diferenças importantes entre si e, por isso, não podem ser niveladas umas com as outras. Os surdos apresentam diferenças de comportamento e formas de se comunicar em relação aos deficientes auditivos porque são usuários de libras, enquanto os deficientes auditivos não.

É tarefa de todos os jornalistas propor para a sociedade formas de comunicação inclusivas das minorias que considerem suas capacidades sem tratá-las de forma infantilizada, exotizada ou estigmatizada. Aprendo neste projeto que estas mulheres são pessoas comuns, com erros e acertos, que produzem uma forma de comunicação diferente. O livro-reportagem procura ir além da superficialidade corrente que caracteriza a abordagem da mídia dominante sobre as pessoas com deficiência, deixando que elas mesmas mostrem quem são ou façam uma representação de si.

No início deste projeto, eu dizia às pessoas a minha volta que os surdos são muito diferentes, complexos e muitas vezes complicados para os ouvintes, assim como os ouvintes o são para eles. É difícil até mesmo compreender o humor de algumas piadas. É como se tentássemos traduzir as expressões idiomáticas de uma língua estrangeira sem encontrar sua correspondência na língua nativa, de modo que o sentido se perdesse.

Por ser ouvinte, não estou inserida no mesmo contexto de minhas entrevistadas, não tive a mesma criação e a mesma compreensão do mundo em minha volta. Portanto, não tenho como compreender, ainda que tente, e elas expliquem uma lógica diferente que apenas vivenciando conseguimos entender. O repertório e a bagagem cultural, que nós ouvintes não temos, faz com que essa dificuldade de compreensão aumente. A experiência vivida por elas dentro do grupo de não ouvintes deixa, muitas vezes, os que estão de fora à mercê da compreensão dos seus códigos.

O mais incrível é que todas as personagens deste livro demonstraram acreditar muito na capacidade do jornalismo transpor as diferenças e aproximar

peças ouvintes de surdas. Todas se diziam e se mostravam muito felizes em participar de uma iniciativa no campo da comunicação. Cibelly, por exemplo, contava empolgada que tem uma irmã jornalista todas as vezes que nos encontrávamos.

Tornar a notícia inclusiva não é apenas falar ou escrever de uma maneira mais simplificada e próxima ao vocabulário popular. É preciso que as políticas de inclusão dentro das empresas sejam feitas com a participação efetiva das pessoas para quem essa comunicação se destina. Precisamos conversar com os surdos para que eles nos digam qual seria a melhor maneira.

A comunicação foi a maior barreira que enfrentei na realização deste livro-reportagem. Tive receio de não ser compreendida ou de não compreender as mensagens que recebia, traduzindo-as de forma errônea ou mesmo ofensiva. Felizmente, aos poucos, e graças à paciência e empatia delas, consegui encontrar uma relativa segurança para atravessar o que antes parecia o deserto inóspito da linguagem. Aos poucos comecei a enxergar nele um reservatório de encontros e possibilidades.

A importância do olhar de repórter reside, sobretudo, em saber observar. O processo de aproximação das entrevistadas foi feito de forma lenta, metódica e a menos invasiva possível. Buscamos estar no mundo delas e não enquadrá-las em nosso próprio mundo. Foi preciso observá-las, ouvi-las, entendê-las, compreendê-las, e, principalmente, respeitar um ambiente no qual eu era minoria.

Registro finalmente que este livro foi um desafio, desses que nós gostamos de ter ao longo da vida. Que vêm para testar até onde conseguimos ir. E que se tornou a cada dia mais fascinante. Saem destas páginas amizades verdadeiras e o propósito de persistir na pesquisa em busca do conhecimento da cultura surda, no qual apenas iniciei. Este livro é a materialização do desejo de convidar meus possíveis leitores a me acompanharem na aventura ao encontro do outro - ou melhor, da outra, que agora também já fala em mim. Com as mãos, cada vez mais, gesticula enquanto fala, como se os sons não fossem suficientes para expressar tudo o que ela quer dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitari. 2014.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. **Aspectos históricos e socioculturais da população surda**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1713-1734. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01713.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

UNESCO. United Nations Educational Scientific And Cultural Organization (Org.). **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien: Unesco, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

MENDONÇA, Claudia L. **Diagnóstico precoce na Deficiência Auditiva**. Especialização em Audiologia. CEFAC. Recife: 1999. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/diagnostico-prococe-em-surdos.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

CAVALCANTI, Klester. **Dias de inferno na Síria**: O relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra. São Paulo: Benvirá; Edição 2ª, 1 de jan de 2014.

BISOL, Cláudia A. et al. **Estudantes surdos no ensino superior: Reflexões sobre a inclusão**. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a08.pdf>>, Acesso em: 20 de maio de 2019, 14:31:30.

MARTINS, Vanessa R. O. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re)criações do sujeito**. Dissertação de Mestrado/PPG em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f2560a5f28a5efe32eba50e77ab8ef4c>. Acesso em 20 de maio de 2019.

OLIN, Aline. **Estudantes Surdos não falantes da libras e o atendimento educacional especializado: Uma análise das Políticas Públicas de Educação Inclusiva**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

MUSEU, do aparelho auditivo. **História de Helen Keller**. Disponível em: <<http://www.museudoaparelhoauditivo.com.br/publicacoes-helen-keller.php>>. Acesso em 3 de junho de 2019.

FARACO, Carlos. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STROBEL, K.L. **Mulheres Surdas que fazem História**. Revista da FENEIS, nº 32. Disponível em <<https://issuu.com/historiadesurdos.blogspot.com/docs/revfeneis32>>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

OLIVEIRA, G. M. **Monolinguismo e preconceito lingüístico**. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=92>>. Acesso em junho de 2019.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real** 2ª edição. Rio Grande do Sul: Arquipélago Editorial, 2017.

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva?** Disponível em: <http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_23.htm> . Acesso em: fevereiro de 2017. Sartoretto , Mara Lúcia; Bersch , Rita. Assistiva tecnologia e educação. Disponível em: . Acesso em: fevereiro de 2017.

DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: SENAC-SP, 1997. SANTANA, Ana Paula. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

RIBEIRO, José Cláudio. **Sempre alerta: Condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo; Olho d'água: Edição 3ª, Abril de 2006.

SILVA, Joice M.; PIZARRO, Maria Luiza; TANAMATI, Liège Franzini. **Uso do sistema FM em implante coclear**. CoDAS, n. 29, v. 1, p. 1-8. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822017000100311&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em: 20 de maio de 2019.

